

História da educação em Minas Gerais: dez anos de histórias de pesquisa e ensino

*Cynthia Greive Veiga**

*History of the education in Minas Gerais: ten
years of histories of research and teaching*

* Doutora em história pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atuando na graduação e na pós-graduação.

RESUMO: Trata-se de um inventário de dez anos do Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais. No desenvolvimento do artigo enfatizaram-se as discussões sobre a identidade do evento, a dimensão teórica e metodológica da história regional, bem como breve análise das temáticas apresentadas nos congressos.

PALAVRAS-CHAVE: inventário, história regional, história da educação

ABSTRACT: *Inventory of ten years of the Congress of Research and Teaching in History of the Education in Minas Gerais. To the development of the article was emphasized the following them: the identity of the event, the theoretical and metodological dimension of regional history, and a brief analysis of the thematic presented in all the congresses.*

KEYWORDS: *inventory; regional history; history of the education.*

1. INTRODUÇÃO

Neste momento, expresso minha alegria ao ser convidada para abrir o VI Congresso de Pesquisa e Ensino da História da Educação em Minas Gerais, tendo como desafio organizar um inventário do conjunto dos congressos. Confesso que não sei muito bem fazer este tipo de trabalho. Por isso, de imediato, a tarefa se apresentou mesmo como um desafio – como organizar e ler a produção desses encontros de modo a oportunizar reflexões e discussões? Que perguntas fazer? Espero que juntos aqui elaborem estas respostas ao longo do desenrolar do evento.

Em março de 2001, pela primeira vez nos reuníamos para socializar nossas pesquisas sobre a história da educação e o ensino em Minas Gerais¹. Com muita satisfação, constatamos que a maioria dos pesquisadores presentes neste primeiro congresso se tornou mestre ou doutor, ou ainda, ingressou como professor em instituições de ensino superior. Também alguns continuaram a participar dos eventos posteriores. Passados dez anos e cinco congressos, um breve balanço pode nos ajudar a pensar os rumos deste evento. Vejamos os quadros a seguir.

Quadro 1 – Congressos de pesquisa e ensino em História da Educação em Minas Gerais

Edição	Local	Data	Número de trabalhos
I	Belo Horizonte	28, 29 e 30 / março / 2001	61
II	Uberlândia	6, 7, 8 e 9 / maio / 2003	151
III	São João del-Rei	2, 3, 4 e 5 / maio / 2005	86
IV	Juiz de Fora	7, 8, 9 e 10 / maio / 2007	172
V	Montes Claros	5, 6 e 7 / maio / 2009	111

Fonte: Cadernos de resumos (2001; 2003; 2005; 2007; 2009).

Quadro 2 – Instituições organizadoras

	Local	Instituições organizadoras
I	Belo Horizonte	UEMG, PUC-MG, FUMEC, UFMG, Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo, Unicentro Newton Paiva
II	Uberlândia	UFU, UNIPAM – Patos de Minas, Faculdades Integradas de Patos de Minas, UEMG, Instituto Superior de Ensino e Pesquisa de Ituiutaba, Universidade de Uberaba
III	São João del-Rei	UFSJ, UFMG,UFU, Centro Universitário do Leste de Minas, PUC-MG,UEMG, FUMEC
IV	Juiz de Fora	SBHE, UFMG, UFSJ, UFU,UEMG, PUC-MG, FUMEC, UNIMONTES
V	Montes Claros	UNIMONTES, UFJF, UFU, UFSJ, UFMG

Fonte: Cadernos de resumos (2001; 2003; 2005; 2007; 2009).

Uma das questões que mobilizou a elaboração de um inventário desses congressos foi a discussão da identidade do evento – em reunião de pesquisadores no último congresso perguntava-se: é este um evento regional ou de pesquisadores de instituições mineiras?

Tendo em vista esse fato, minha intenção é retomar brevemente a discussão do nacional e regional já debatido no primeiro congresso e no congresso de 2009. Numa das conferências de abertura do primeiro congresso, em 2001, “Historiografia da Educação de Minas Gerais: uma história regional?” (VEIGA, 2002), sinalizei para a problemática de pensarmos a história regional tendo em vista o próprio título do evento. Ressalto que minha intenção naquele momento era apenas refletir sobre a importância das histórias

regionais fundamentada em alguns especialistas.

A questão principal foi problematizar a história regional no conjunto das mudanças na historiografia e principalmente o significado dessa abordagem no âmbito de uma tradição das histórias nacionais, em geral centrada na história política. Os estudiosos do tema enfatizam a importância da história regional e história local como possibilidade de um recorte mais voltado para a dimensão sociocultural. Também apresentei algumas considerações gerais para refletirmos sobre a história regional, quais sejam: a importância de ser anunciada enquanto uma abordagem histórica; a contribuição dessa abordagem para dar visibilidade a aspectos históricos não tratados nas histórias nacionais; a dimensão política desse fazer historiográfico, uma vez que envolve produção de identidades; e as possibilidades de promover socialização do conhecimento produzido junto às localidades investigadas.

Por sua vez, em 2009, Luciano Mendes de Faria Filho, na conferência de encerramento do evento “História da Educação e história regional: experiências, dúvidas e perspectivas”, retoma algumas das questões desenvolvidas na conferência de 2001 e apresenta outras, deslocando o foco para a discussão do regional e da região. Minha proposta é pensar num texto articulando as principais questões apresentadas em ambas as conferências e tendo como suporte alguns questionamentos suscitados no processo de organização do inventário dos “congressos mineiros”. De imediato é preciso dizer que os dados aqui apresentados tiveram como fonte apenas os cadernos de resumos.

2. HISTÓRIA REGIONAL: UM CAMPO DE ABORDAGEM

Na elaboração da historiografia de modo geral há uma concordância dos historiadores de que a história regional é uma abordagem². Segundo José D’Assunção Barros (2004), trata-se do “modo de fazer” a história, ou ainda, do campo de observação. Essa perspectiva historiográfica é parte das mudanças na escrita da história desde o início do século XX, bem como da ampliação dos diálogos da história com a antropologia, a geografia e a economia. Integra ainda as críticas de elaboração de uma história nacional tomada como hegemônica, geral e centralista.

Uma das principais questões presentes nesta discussão é a de que toda

história fala de um determinado lugar; e por isso toda pesquisa ter caráter regional. Mas a elaboração da história regional como abordagem historiográfica indica para um recorte que de antemão já problematiza uma localidade ou um povo como lócus de investigação. Antes de tudo, a escrita de uma história regional deve ser anunciada enquanto escolha metodológica. Isso significa ter como objetivo dar visibilidade às peculiaridades geográficas, antropologias, educacionais, culturais, econômicas, políticas, entre outras, de uma localidade ou de um povo de modo, inclusive, a possibilitar a compreensão do nacional como uma extensa figuração. Ou ainda, no caso da história da educação regional, recuperar experiências educacionais locais juntamente com o levantamento de fontes primárias, a partir das regiões (MOCTEZUMA; ARROYO, 2006).

Para desenvolver a temática, Faria Filho (2009) acentua a discussão não propriamente na dimensão metodológica da história regional, mas nos termos região e regional, chamando atenção para três aspectos muito importantes a serem levados em consideração para a escrita da história regional: a necessidade de um olhar crítico para o trato da região como objeto de estudo; o entendimento da região como unidade de análise; ou como posição epistemológica. Em relação à elaboração da ideia de região, Faria Filho (2009) afirma:

Assim, entendo que talvez devêssemos lidar com a noção de região não como uma realidade à qual vamos estudar, mas como processo e o resultado de operações políticas e, porque não, acadêmicas que fundam esta mesma realidade e condicionam o modo de seu entendimento. Ou seja, a região é ela também, uma representação e uma prática cultural por meio das quais (e nas quais) determinados fenômenos e posições são produzidos, os sujeitos são identificados e ganham visibilidade e as nossas instituições são criadas e mobilizadas para a ação social e política. Ou seja, a região é de certo modo uma invenção (FARIA FILHO, 2009, p. 8).

Sem dúvida, a região não é um dado *a priori* do mesmo modo que a ideia de nacional também não é. Como exemplo, Faria Filho (2009), em seu

texto, traz uma importante contribuição ao refletir sobre os regionalismos produzidos em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, cuja representação se faz numa dimensão hierárquica entre região e nação, favorecendo estigmatizações.

Entretanto, é importante enfatizar que no âmbito da discussão historiográfica o desenvolvimento de uma história regional nomeada enquanto tal somente ganha significado se discutida no âmbito da tradição das histórias nacionais, homogêneas ou da produção do nacional como identificação de um povo e um lugar, e das consequências históricas de se tomar o regional pelo nacional, ou o particular como o universal.

É certo que a escolha pelo recorte regional precisa ser feita pelo historiador, mas isso não se faz de modo totalmente arbitrário, basicamente por dois motivos: as comunidades se estabelecem, produzem e organizam seus laços, e como forma de identificação e coesão, também se autoneameiam como um grupo, uma “região”. O modo como esse processo é produzido é exatamente da alçada do historiador investigar. Por sua vez, cabe refletir que todo regional é também nacional. Isso pode implicar em confronto de representações, dependendo das relações políticas presentes na elaboração de ambas as representações. De acordo com Barros (2004),

Quando um historiador se propõe a trabalhar dentro do âmbito da História Regional, ele mostra-se interessado em estudar diretamente uma região específica. O espaço regional, é importante destacar, não estará necessariamente associado a um recorte administrativo ou geográfico, podendo se referir a um recorte antropológico, a um recorte cultural, ou a qualquer outro recorte proposto pelo historiador de acordo com o problema histórico que irá examinar (BARROS, 2004, p. 152).

Faria Filho (2009) propõe, ainda, a discussão da noção de regional na história da educação na perspectiva de compreensão do regional como unidade de análise, e se pergunta com propriedade: “(...) o que torna possível falar de uma história regional de um objeto particular, seja ele uma instituição, uma disciplina escolar, um movimento social ou uma política educacional?”

(FARIA FILHO, 2009, p. 8). Essa pergunta nos remete a questão anterior no sentido de que uma história regional precisa ser anunciada enquanto tal, pois é uma problematização teórica e metodológica do historiador. O autor, contudo, adverte:

Se é possível, hoje, entender o regional como uma unidade de análise, não me parece fácil, à primeira vista, articulá-lo à noções também hoje bastante utilizadas como circularidade cultural, mediadores culturais, difusão e distinções culturais, dentre outras, pois as mesmas tornam difícil, mas não impossível evidentemente, pensar numa especificidade regional de um determinado fenômeno educativo escolar (FARIA FILHO, 2009, p. 8).

Penso que estamos diante de duas temáticas: a história regional como abordagem e campo de observação, e o regional como unidade de análise. Nesse caso, o autor critica e coloca em questão uma concepção de regional como um dado *a priori* e não como elaboração histórica. Mas retomando a questão da história regional como abordagem metodológica, pergunto: será possível fazer uma história regional que não leve em consideração as mediações, circularidades e distinções culturais – pois isso é exatamente o que dá visibilidade ao específico que torna um povo ou um lugar dotado de regionalidade?

Além da possibilidade de tomar o regional como unidade de análise, Faria Filho (2009) propõe a discussão da noção de regional na história da educação como “posição de análise” ou “lugar epistemológico”. Nesse caso, considera o regional como “posição analítica” inspirado no “jogo de escalas” de Jacques Revel e na definição de micro e macrohistória. Assim afirma,

Penso, desse modo, que os planos, local, regional, nacional e internacional, dentre outras, poderiam também, ser entendidos como posições, como escala analítica a ser produzida, justificada e utilizada pelo pesquisador em história da educação (...). Nessa perspectiva o regional seria uma das maneiras pela qual eu busco entender e dar inteligibilidade a objetos que, em outras escalas e

de acordo com minhas pretensões (ou possibilidades) não daria o resultado que espero alcançar (FARIA FILHO, 2009, p. 9).

É bastante interessante a comparação e podemos acrescentar algumas outras reflexões no sentido de articular os questionamentos de Faria Filho (2009) sobre a noção de regional com a perspectiva metodológica da história regional. Antes de tudo, ressalta-se que Revel (1998) discute um procedimento metodológico de pesquisa histórica – a microhistória, não especificamente a escala micro. Ele analisa uma condição de observação de um determinado problema e contextualiza a microhistória que surge em crítica à história social francesa, principalmente pela tendência em reificar os problemas sociais. De acordo com Revel (1998, p. 20), “Variar a objetiva não significa aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama. É o princípio da variação que conta, não a escolha de uma escala em particular”.

Nessa perspectiva é que a história regional se diferencia da microhistória. Na definição de Barros (2004, p. 153), “O que a micro história pretende é uma redução da escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que de outro modo passariam despercebidos”. Para o autor, história regional e microhistória são campos distintos devido ao fato de que a primeira centra-se na unidade de observação e a segunda na escala de observação. O objetivo da redução da escala de observação é realizar um estudo exaustivo sobre determinado tema que, em escala micro, revela sua integração em dinâmicas sociais macro.

Entretanto, esse não é o objetivo da história regional. Nessa abordagem, o interesse do historiador volta-se antes de tudo para a escolha de uma unidade particular, uma região específica, que pode ser geográfica, ou, por exemplo, o recorte em um povo, ou uma comunidade. Trata-se de estudos com enfoque em relações sociais de espaços e contextos por vezes desconhecidos e até omitidos em relação à tradição da história nacional.

Sem a menor intenção de traçar teorizações sobre região ou história regional, gostaria de refletir sobre a possibilidade de pensar as contribuições de uma história regional num sentido mais geral. Podemos refletir sobre a

importância de problematizar as peculiaridades históricas regionais em meio a outras histórias, ou seja, numa perspectiva relacional, interdependente, e não como abordagens de história tomadas como portadoras de sentido próprio. Nesse caso, a contribuição de Faria Filho (2009) é fundamental quanto à escolha do regional como unidade de análise, principal característica da história regional enquanto abordagem histórica.

3. UM BALANÇO DOS CONGRESSOS

Nesses dez anos de congresso, houve significativo crescimento das pesquisas em história da educação no Brasil com destaque para a criação da Sociedade Brasileira de História da Educação, em 1999, e o acontecimento do “I Congresso Brasileiro de História da Educação”, em 2000, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Portanto, podemos dizer que a década foi marcada por ações locais e nacionais com o objetivo de socialização de pesquisas e discussões em história da educação.

Destaca-se, ainda neste período, a escrita de vários balanços ou inventários sobre a produção do campo, seja de eventos específicos, seja da produção mais geral, incluindo artigos, teses e dissertações³. Em todos esses textos, há um consenso sobre as dificuldades de elaboração dos balanços por inúmeros motivos, entre eles a quantidade e diversidade da produção.

Mas, afinal, fazemos balanços para quê? Saviani (2007) destaca quatro tipos diferentes de organização da produção: estado da arte realizado em função específica de um objeto de pesquisa; balanço da produção com vistas a dimensionar o campo de pesquisa; balanço da produção disponível na área, com vistas principalmente a sua incorporação ao ensino de história da educação; e levantamento exaustivo dos estudos e pesquisas produzidos com intenção de realizar um banco de produções.

Portanto, a realização de inventários relaciona-se a seu objetivo e no caso deste artigo, pretende-se apresentar um balanço dos Congressos de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais com objetivo de dimensionar as pesquisas já apresentadas. Esta tarefa pode nos orientar para pesquisas futuras ou mesmo para o estabelecimento de projetos conjuntos na intenção de avançarmos nossa produção. De imediato, observa-se que os

trabalhos apresentados nos congressos caracterizam-se por ter a história da educação de Minas Gerais como objeto privilegiado de pesquisa. Por outro lado, o evento não tem a característica explícita de reunir estudiosos da história da educação de Minas Gerais, diferentemente de outros eventos declaradamente de estudos regionais, como por exemplo, o “Seminário de Economia Mineira”⁴.

Para a organização do inventário, sistematizei a produção dos eventos em quadros onde estão registrados: a distribuição dos trabalhos em eixos temáticos; as conferências proferidas; os temas dos trabalhos; e os espaços e tempos pesquisados.

Quadro 3 – Distribuição de trabalhos em eixos temáticos

Eixos temáticos	Edição / trabalhos aprovados e apresentados em eixos temáticos					Total
	I	II	III	IV*	V	
Nome do eixo						
1. Fontes, categorias e métodos de pesquisa em História da Educação	9	19	5	15	13	61
2. Pensamento educacional	7	5	2	-	-	34
2. Intelectuais e pensamento educacional	-	-	-	13	7	
3. Profissão docente	8	13	9	10	13	53
4. Gênero e etnia	5	3	3	-	-	27
4. Gênero, etnia e geração	-	-	-	8	8	
5. Imprensa pedagógica e matérias escolares	9	-	-	-	-	56
5. Impressos educacionais	-	2	-	-	-	
5. Imprensa, impressos e educação	-	-	16	21	8	
6. Práticas escolares e processos educativos	7	26	13	-	12	87
6. Cultura, modelos pedagógicos e práticas educacionais	-	-	-	29	-	
7. Instituições educacionais e/ou científicas	9	44	20	32	28	133

8. Pesquisas sobre o ensino da história da educação	1	-	-	-	-	
8. Ensino de História da educação	-	2	1	-	4	8
9. Estado e políticas educacionais	6	19	7	21	15	68
10. Imprensa e educação	-	12	1	-	-	13
11. Historiografia da educação	-	6	1	-	3	10
12. Espaços educativos extraescolares	-	-	9	-	-	9

**neste evento, comunicações coordenadas e pôsteres não foram apresentados em eixo temáticos. Fonte: Cadernos de resumos (2001; 2003; 2005; 2007; 2009).*

Se comparado com outros congressos de história da educação, temos que basicamente os eixos temáticos se repetem, excetuando o eixo sobre Ensino de História da Educação. Podemos agrupar alguns desses eixos e observar o movimento teórico-metodológico das pesquisas.

- a) Fontes, categorias e métodos de pesquisa em História da Educação; Historiografia da educação;
- b) Pensamento educacional; intelectuais;
- c) Gênero, etnia e geração;
- d) Profissão docente;
- e) Imprensa, impressos;
- f) Práticas escolares, cultura escolar;
- g) Instituições; e
- h) Estado e políticas educacionais.

Os eventos de História da Educação, notadamente os eventos nacionais, têm apresentado preocupação constante com a discussão historiográfica num esforço de reforçar a reorientação da escrita da história da educação desde a década de 1980, na perspectiva de ampliação da pesquisa documental ou mesmo da concepção de documento histórico. Sobre as categorias gênero e etnia, ainda predominam estudos de gênero, e muito poucos estudos étnicos; quanto à geração, a ênfase tem sido nos estudos sobre infância. O eixo de im-

pressos, cultura escolar, pensamento educacional e história de intelectuais expressa tendência acentuada e crescente nas pesquisas em história da educação. Contudo, são os estudos históricos sobre instituições escolares o de número mais expressivo e em geral estas pesquisas remetem à história local. Já as discussões sobre o ensino de história da educação pouco tem atraído a atenção dos pesquisadores, e os estudos sobre educação não escolar se concentraram exclusivamente no terceiro congresso, em São João del-Rei, com trabalhos sobre educação patrimonial, teatro, dança, religião, artesãos, entre outros.

Sobre as conferências, como veremos a seguir, há um predomínio de conferencistas locais sobre conferencistas de outras localidades e os temas abordados não são específicos de estudos da educação de Minas Gerais, mas em temas gerais com enfoque maior nas discussões teóricas e conceituais.

Quadro 4 – Conferências

Edição	Sessão/tema	Professores
I	<ul style="list-style-type: none"> 1ª Sessão especial: “História e Historiografia da Educação” 	Ana Maria Casasanta Cynthia Veiga
	<ul style="list-style-type: none"> 2ª Sessão especial: “A pesquisa e o ensino em História da Educação” 	Clarice Nunes Eliane Marta T. Lopes

II	<ul style="list-style-type: none"> • Abertura: “Reflexões sobre o ensino e a pesquisa em História da Educação”	Dermeval Saviani
	<ul style="list-style-type: none"> • Mesas redondas: “A produção em História da Educação em Minas Gerais”	Luciano M. Faria Filho Irlen A. Gonçalves José Carlos Araujo
	“Reflexões sobre o ensino de História da Educação”	Maria de Lourdes Fávero Marta Carvalho
	“Práticas de pesquisa e fontes em História da Educação” <ul style="list-style-type: none"> • Encerramento: “A história das instituições educacionais em perspectiva”	Armando Barros Ester Buffa Justino Magalhães (Universidade de Lisboa)
III	<ul style="list-style-type: none"> • Mesas redondas “Pesquisa e ensino em história da educação”	Décio Gatti Thais Fonseca
	“Fontes para a História da Educação”	Tarcísio Vago Maurilane Bicas
	“Gênero, etnia e educação”	Cynthia Veiga Diana Vidal
	“Projeto Nacional e escolarização”	Marlos Bessa Luciano de Faria Filho

IV	Abertura “História e ensino da História na primeira república”	Angela de Castro Gomes
	• Mesas redondas “Instituições educacionais”	Marlos Bessa Dalva Yazbeck Rosa Fátima de Souza
	“Cultura, modelos e práticas educacionais”	Ana Gomes Wenceslau Gonçalves Neto Diana Vidal
	“Formação docente”	Sarah Jane Durães Carla Chamon Mauro Passos
	“Intelectuais e pensamento educacional”	Helena Bomeny Raquel Assis Écio Portes
	“Imprensa e impressos educacionais”	Geraldo Inácio Filho Ana Maria Galvão Maria Teresa S. Cunha

V		Miriam Warde
	<ul style="list-style-type: none"> Mesa redonda: “A escola como lugar: pressupostos científicos e materialidade em Minas Gerais” 	Érika Guimarães Leila Mafra Maria do Carmo Xavier Rosana Areal
	“Educações: entre o campo e a cidade”	Andrea Moreno Maria das Graças Ribeiro Carlos H. de Carvalho
	<ul style="list-style-type: none"> Encerramento: “História da educação e história regional: experiências, dúvidas e perspectivas” 	Luciano M. Faria Filho

Fonte: Cadernos de resumos (2001; 2003; 2005; 2007; 2009).

Temas mais pesquisados

Instituições: Grupos escolares (Uberlândia, Uberaba, Juiz de Fora, Montes Claros, Araxá, Sabará, Januária, Patrocínio, Belo Horizonte, Montes Claros, Ituiutaba)

Escola Normal (Juiz de Fora, Uberlândia, Lavras, Ouro Preto, Patrocínio, Porteirinha); Escola Normal Modelo da Capital; Instituto de Educação de MG; Escola de Aperfeiçoamento (BH); Escola Normal Oficial (Uberaba) Ginásio Mineiro (BH); Ginásio Mineiro de Uberlândia

Colégio Municipal de Belo Horizonte, Colégio Militar de Minas Gerais, Colégio Marista de Uberaba, Colégio de Aplicação (Juiz de Fora); Colégio Adventista (BH); Colégio Santa Tereza (Ituiutaba); Colégio Sagrado Coração de Jesus (Uberlândia); Colégio Nossa Senhora das Lágrimas (Uberlândia); Colégio Amor às Letras (Uberlândia); Colégio São Francisco Xavier (Ipatinga);

Colégio Santo Antonio (São João del-Rei); Instituto Santa Dorotéia (Pouso Alegre); Instituto Granbery (Juiz de Fora); Educandário Ituiutabano; Colégio Miranda (Sacramento); Colégio Nossa senhora das Dores (Uberaba)

Escola Agrotécnica de Uberlândia; Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Pomba; Instituto Agronômico de Itabira; Fazenda Escola de Florestal; Escola média de Agricultura de Florestal; Escola Agrícola de Lavras

Curso de Odontologia da UFMG; Escola de Engenharia de Uberlândia; Universidade Federal de Viçosa; Universidade Federal de Uberlândia; Escola de Enfermagem da UFMG; Fundação Universitária Patos de Minas; Universidade Rural do Estado de Minas Gerais; Universidade Federal de São João del-Rei; Escola de Enfermagem Carlos Chagas; Escola Livre de Engenharia e Escola de Minas de Ouro Preto; Universidade Federal de Lavras; Centro Federal de Educação de Rio Pomba; Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais; Instituto Zootécnico de Uberaba

Creche Bom Samaritano/ Escola Bárbara Heliodora (SJR)

Escola Guignard

Centro Regional de Pesquisas Educacionais

SENAI/ SOSP/ MOBRAL/ FIEMG

Clube Ginástico (Juiz de Fora)

Biblioteca Popular do Serviço de Alimentação da Previdência Social (Juiz de Fora)

Confederação Auxiliadora dos operários do Estado de Minas Gerais

Igreja Batista de Minas Gerais

Recolhimento de Nossa Senhora de Macaúbas

Associação Cristã de Moços

Escola de Aprendizes Artífices de Minas Gerais

Práticas e culturas escolares: Formação militar, escolarização da dança, ensino de geometria e desenho, método intuitivo, método mútuo, métodos de alfabetização, ensino de ginástica, ensino de música, canto escolar, canto orfeônico, educação física, educação do corpo, ensino de matemática, ensino de filosofia, ensino de francês, ensino de história, ensino de religião, ensino do esporte, pensamento norte-americano, disciplina escolar, alfabetização, cartilha escolar, inspeção escolar, álbuns de pesquisa, arquitetura es

colar, sociabilidades no Brasil colonial, educação em associações religiosas e leigas, educação no estado novo, clientelismo e educação, aprendizagem de ofícios, educação de órfãos e expostos, teatro, cinema, trabalhos manuais, famílias, festas escolares

Políticas educacionais: Ministério da agricultura, colegiado escolar, estatística, Conselho Geral da província de MG, políticas de inclusão, dirigentes escolares, projetos educacionais da nova república, aulas particulares, instrução secundária, educação de imigrantes, ensino noturno, educação de jovens e adultos, Campanha da Aliança Liberal, Campanha Nacional de Educação Rural, obrigatoriedade escolar, público e privado na escolarização, pós-graduação, ensino rural, município pedagógico, administração municipal.

Fontes, historiografia: - Legislação, imprensa, iconografia, testamentos, inventários, relatórios, manuais pedagógicos, listas censitárias, literatura, código sanitário, relatórios de governo, cartas, manuais de civildade, biografia, currículo Lattes, manuais de pedagogia, livros didáticos, cadernos escolares, contas de tutela

- Acervos escolares, banco de dados, arquivos públicos, guia de fontes
- História das disciplinas, história da infância
- História oral, estudos comparativos: Minas Gerais e Maranhão; Minas Gerais e Goiás; Brasil e Portugal; Brasil e Cabo Verde; Minas Gerais, Mato Grosso e Corte (RJ);

Imprensa e impressos: - Revista do Ensino, Revista Brasileira de Educação Física, Livros escolares, Jornal A tribuna, Stella Maris, imprensa uberlandense, O Mentor das Brasileiras, Sexo Feminino, Correio Official de Minas, Estado de Minas, O Contemporâneo, Enciclopédia Tesouro da Juventude, Revista Nova Escola, Cartilha Caminho Suave, Revista Eu sei Tudo, O Universal

- O negro no livro didático, ilustrações em livros de leitura, literatura de viagem, gênero em livro didático de história

Profissão Docente: Movimento grevista, associativismo, escolas normais, cursos de especialização, disciplina escolar (ginástica), exames, professor do meio rural, escola de ensino mútuo, feminização do magistério, ideário de formação, saúde das professoras, condições de trabalho, pedagogia vicentina

Intelectuais e pensamento: -Discurso jurídico, religião (católicos, protestantes, adventistas, salesianos), higienismo, eugenia, assistencialismo, estatística, neo liberalismo, progresso, civilização, ordem, nacionalismo, coronelismo, populismo, americanismo, republicanismo, Foucault, processo civilizador,

-Sociedades políticas, literárias e filantrópicas

-Intelectuais/personagens: Lucia Casasanta, Francisco Campos, Francisco de Assis Peregrino, Eurípedes Barsanulfo, Maria Lacerda de Moura, Jerônimo Arantes, Bernardo Guimarães, Antonio Carlos de Andrada, Fernando de Azevedo, José Ataliba Santos, Francisco Mendes Pimentel, Salathiel de Almeida, Francisco de Mello Franco, Cecília Meireles, Émile Durkeim, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Darcy Ribeiro, Ilar Garotti, Helena Ferrari Teixeira, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, João Derwil, Francisco Campos, Raimundo Augusto da Silva Maia, Estevam de Oliveira, Francisco Ozamis, Mario Fontoura, João Pinheiro da Silva, Alda Lodi

Gênero, etnia, geração, classe social: Escolarização indígena, meninos e meninas, professora negra, feminização do magistério, educação feminina e aprendizagem de ofícios, crianças, crianças negras, infância pobre, crianças órfãs e abandonadas.

Espaços educativos extraescolares: Candomblé, trabalho, ofícios, família, apostolado da oração, educação patrimonial, teatro, brincadeiras, irmandades

Ensino de História da Educação: Curso de Pedagogia, ensino através da arte, relato de experiência, história do ensino de história da educação

Fonte: Cadernos de resumos (2001; 2003; 2005; 2007; 2009).

Muitas questões são suscitadas por essa variedade de temáticas de investigação. Tendo em vista a grande concentração de estudos sobre instituições escolares, uma questão importante, por exemplo, seria analisarmos em que medida tais estudos têm preocupação explícita de integração com as histórias locais de modo a favorecer uma maior participação das comunidades na escrita de suas memórias; sendo uma questão bem relevante no âmbito das histórias regionais, ou da história local na perspectiva da história social inglesa (SAMUEL, 1984). De qualquer modo, tendo em vista o significativo número de trabalhos com o recorte em Minas Gerais, sua principal contribuição nesses eventos, devido a sua até então característica regional, seria refletir de que modo tais estudos podem contribuir para a discussão da configuração da história da educação brasileira; indicando questões importantes para análise dos problemas educacionais do presente.

Quadro 6 – Tempos e espaços de estudo

Tempos	Espaços
Grande parte das pesquisas é sobre o século XX, seguido dos séculos XIX e XVIII, havendo ainda alguns trabalhos que se referem ao tempo presente.	Minas Gerais, Alto do São Francisco, Alto do Paranaíba, Triângulo Mineiro, Comarca do Rio das Mortes, Comarca do Rio das Velhas, Juiz de Fora, Uberaba, Uberlândia, Ituiutaba, Sabará, Viçosa, Lagamar, Patrocínio, Patos de Minas, Araxá, Campanha, São João del-Rei, Cristina, Diamantina, Rio Pomba, Sabará, Minas Novas, Ipatinga, Januária, Poços de Caldas, Muzambinho, Lavras, Ouro Preto, Pouso Alegre, Patos de Minas, Rio Pomba, Campina Verde, Sacramento, Mariana, Divinópolis, Itabira do Mato Dentro, Montes Claros, Porteirinha, Florestal, Belo Horizonte.

Fonte: Cadernos de resumos (2001; 2003; 2005; 2007; 2009).

A eleição das localidades de pesquisa, entre outras, estão vinculadas as instituições de ensino superior de origem dos pesquisadores. Já a escolha dos

tempos históricos, acompanha a tendência das pesquisas em história da educação no Brasil de modo geral. Ou seja, a concentração de pesquisas no século XX se deve especialmente a maior presença da educação escolar nesse período histórico, ao tema privilegiado dos historiadores da educação, a maior facilidade de acesso a fontes documentais e à possibilidade do uso de fontes orais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, acrescentaria apenas mais uma questão de debate. Cunha, Simões e Paula (2008) apresentam uma importante reflexão para os estudos de história regional, fazendo a seguinte afirmação:

(...) não existe ‘a’ história, e sim história(s) ‘de’. A história total é impossível, por definição, mas não se despreze o risco na outra margem, perder a ambição do conjunto e assumir o específico como única possibilidade viável é reducionismo igualmente danoso à compreensão de um tempo e de um lugar (CUNHA; SIMÕES; PAULA, 2008).

Toda história fala a respeito de um tempo e de um lugar. Contudo, tempos e lugares se fazem em dinâmicas relacionais com outros tempos e lugares, não estão enclausurados em si mesmo. A conotação nacional ou local/regional é uma produção do historiador como parte de sua problematização de pesquisa, a produção de um lugar é condição intrínseca da tarefa histórica. De acordo com Cunha, Simões e Paula (2008, p. 12), “(...) regionalizar é em essência uma resposta espacial a uma problematização específica da realidade em estudo”.

Portanto, a questão da história regional é essencialmente metodológica. Assim, cabe-nos interrogar sobre os objetivos de se recortar uma região para estudo e quais os princípios ou motivações que promovem uma segmentação analítica. Antes de tudo, é preciso estar atento para o fato de que o recorte de uma região não pode se desprezar da totalidade da região recortada.

Desse modo, temos que o acontecimento dos congressos de pesquisa e ensino em História da Educação em Minas Gerais desde já marca um

território de pesquisadores originários de instituições educacionais mineiras, embora não explicitamente. Contudo, não podemos perder de vista que a demarcação dessa região somente ganha inteligibilidade em meio a tantos outros lugares institucionais de produção da história da educação no Brasil.

Notas

1. Este primeiro evento teve como comissão organizadora os professores: Ana Amélia Lopes (UEMG), Ana Maria Casasanta (PUC), Irlen Antonio Gonçalves (FUMEC), Luciano Faria Filho (UFMG), Maria do Carmo Xavier (na época Faculdade de Pedro Leopoldo) e Thais Nívea de Lima e Fonseca (UFMG).

2. José D'Assunção Barros apresenta as divisões do campo da história como aqueles que se referem a dimensões (enfoques); abordagens (modos de fazer a história); e domínios (áreas de concentração em torno de certas temáticas e objetos) (BARROS, 2004, p. 8).

3. Parte destes estudos pode ser encontrada em “Pesquisa em História da Educação no Brasil”, organizado por José Gondra (2005).

4. O Seminário de Economia Mineira acontece há mais de 20 anos e é uma promoção do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR) da FACE/UFMG. Outro evento, inicialmente de características mais regional e promovido pelo Centro de Estudos Mineiros da FAFICH/UFMG, é o “Seminário de Estudos Mineiros”; contudo, nos últimos tempos, não tem se restringido a estudos sobre Minas Gerais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História:** especialidades e abordagens. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CUNHA, Alexandre Mendes; SIMÕES, Rodrigo Ferreira; PAULA, João Antonio de. História econômica e regionalização: contribuição a um desafio teórico metodológico. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 38, n. 3, jul./set. 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **História da Educação e história regional:** experiências, dúvidas e perspectivas. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Pesquisa em História da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MOCTEZUMA, Lucía Martínez; ARROYO, Antonio Padilla. **Miradas a la historia regional de la educación**. México: CONACyT/ UAEM y Miguel Angel Porrúa, 2006.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SAMUEL, Raphael. **História popular y teoria socialista**. Barcelona: Grijaldo, 1984.

SAVIANI, Dermeval. Os balanços na historiografia da educação brasileira: sentidos e perspectivas. In: NEPOMUCENO, Maria de Araújo; TIBALLI, Eliana Figueiredo (Orgs.). **A educação e seus sujeitos na história**. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.

VEIGA, Cynthia Greive. Historiografia da educação de Minas Gerais: uma história regional? In: LOPES, Ana Amélia Borges de Magalhães et al. (Orgs.). **História da Educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FUMEC, 2002.

Fontes:

I Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais. Resumo das comunicações, Belo Horizonte, 2001.

II Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais. Programação e Caderno de Resumos, Uberlândia, 2003.

III Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais. Programação e Caderno de Resumos, São João del-Rei, 2005.

IV Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais. Caderno de Resumos, Juiz de Fora, 2007.

V Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais. Programação e Caderno de Resumos, Montes Claros, 2009.